

Maracatu agita Olinda

Regado a muito batuque, o Maracatu Nação Pernambuco realiza às 22h30, no Clube Atlântico (Carmo — Olinda), a prévia carnavalesca *Viver Solto Virado*. O evento, com direção artística de Bernardo José e apoio do Dia DE PERNAMBUCO, vai ser acompanhado pela Orquestra Cultural Recife, Superbanda Brasília e Banda do Reggae.



Viver Solto Virado, hoje, no Clube Atlântico

de conhecidos artistas da região. Aberto na terça, quarta e sexta-feira, das 11 às 17h, terça a domingo para almoço e jantar. Casa Forte. A ver

Terreiros minas são tema de pesquisa

Kéthuly Góes

Instituto Brasileiro de Arqueologia e Cultura (Ibac) está finalizando mais um trabalho de pesquisa sobre as heranças e manifestações nordestinas. A exemplar trabalho feito no Museu de Pernambuco e no Museu do Homem do Nordeste, em São Paulo, com a participação de historiadores, arqueólogos e antropólogos está sendo publicado em um catálogo com textos que contam a história e a cultura dos negros maranhenses.

Como ganchos da pesquisa os instrumentos musicais já se estende em 1990, com visitas aos terreiros minas, maior herança do Maranhão, e aos instrumentos do Museu Histórico e do Centro de Cultura Popular Domingos Vianna.

Para organizar a pesquisa e dar um passo a passo, foram realizados mais de dez pesquisas. Todo o trabalho é financiado pelo Governo do Maranhão, com a coordenação técnica por conta do Ibac, no âmbito do etnógrafo Raul Lody.

O Maranhão é um Estado atípico. Associado ao Nordeste, tem tudo para ser do Norte. Ecologicamente, inclusive, tem todas as características da região amazônica. Invadida por franceses e portugueses, a ilha de São Luiz (Vê-se a homenagem ao rei Luiz, França) assumiu mesmo foi a herança africana e, para o interior do Estado, a mistura é com a cultura indígena. Segundo o pesquisador, há terreiros preservando a cultura africana no Maranhão, por toda parte.

Cerca de 300 objetos formam a fonte de estudo dos pesquisadores. A começar pela joalheria do século XIX, em exposição no Museu Histórico e Artístico, foram observados e estudados diversos utensílios dos terreiros maranhenses como a Casa de Minas e Casa de Nagô. Só para esclarecimento, "os terreiros minas do Maranhão nada mais são que os conhecidos terreiros de candombié da Bahia ou terreiros de xangô em Pernambuco. Os minas eram os escravos vindos da parte ocidental africana, onde a principal atividade de exploração era a mineração de ouro", explica



O etnógrafo Raul Lody volta ao Nordeste para estudar a herança africana

Raul Lody.

No Centro de Cultura foram encontrados muitos dos objetos que fazem os rituais. As máscaras *razumbás* são as últimas heranças de máscaras africanas no Brasil. Instrumentos musicais, adereços, o taquari (cachimbo), o ajapomé (chimele), o juá (bengala) e os rums (tambores) traçam um bom perfil de tudo o que a cultura maranhense assimilou da África. Há também escritos em *Ewe*, língua africana, que contam histórias de reis, rainhas e príncipes de comunidades africanas, que para cá foram trazidos como escravos e fizeram de tudo para preservar sua cultura.

Inovação — Um projeto que está sendo inaugurado junto com a elaboração do catálogo, mas ainda a nível de experiência, é o de educação patrimonial. Os pesquisadores fazem junto à comunidade um trabalho de conscientização da preservação. Os objetos são expostos ao exame museológico normal, são cadastrados, mas permanecem nos terreiros, sendo utilizados como sempre.

“A idéia desse novo projeto

é fazer com que a comunidade se importe com a sua cultura. Nós louvamos a guarda dos objetos nos museus, mas propomos também que eles não percam sua funcionalidade, que não sejam apenas objetos de adoração. Mesmo que eles deixem de existir, com o desgaste, com o tempo de uso, mas estarão dentro de sua história”, acrescenta o etnógrafo.

Muitos dos terreiros maranhenses preservam radicalmente as características africanas, inclusive o idioma *Ewe*. Mas a intromissão de fatores culturais portugueses é indiscutível. Um exemplo claro disso é a festa do Divino Espírito Santo, incorporada pelos terreiros. Durante a comemoração, bebe-se chocolate com gema de ovo batida e quente. No clima do Maranhão, a bebida causa uma suadeira generalizada.

O catálogo histórico sobre a cultura material afro-maranhense deve ser editado já em abril e, provavelmente, em novembro será lançado em São Luiz.

Maracatus desfilam pelas ruas da cidade

Se os caboclinhos recordam os índios na formação da raça, os maracatus lembram a presença negra nas origens do povo brasileiro e da nacionalidade. A Fundação de Cultura reservou esta sexta-feira para a exibição dos maracatus. Desfilarão a partir das 20h pelo centro da cidade, os maracatus de Boi Virado Elefante, Porto Rico, Encanto do Pina, Linda Flor, Leão Coroado, e os maracatus rurais Cruzeiro do Forte, Leão Formoso de Nazaret, Piaba de Ouro, Almirante do Forte, Leão da Aldeia e Leão Brasileiro. A apresentação dessas agremiações não se sobressai nem pela beleza dos seus figurantes — a maioria deles pessoas de idade avançada — nem pela riqueza de suas indumentárias, pois os trajes que exibem são apenas característicos, mas modestos e sem nenhum luxo. Eles são importantes por imprimirem continuidade a uma tradição muito antiga dos negros que aqui vieram trazidos da África. Destacam-se pelo sentimentalismo de seus cânticos, pela simplicidade e purezas de suas danças, ao som de instrumentos de uso secular — os atabaques, tarós, gonguês, entre outros.




O maracatu de Boi Virado Leão Coroado



Aqui, o maracatu rural Piaba de Ouro

fazendo o passo

Maracatu cultua seus antepassados 2ª feira



Na noite de segunda-feira de Carnaval, a partir das 23h, no pátio de Nossa Senhora do Terço, as Nações de Maracatu de Pernambuco se reúnem para reverenciar a memória dos seus antepassados. Reis, rainhas, princesas, damas da Corte e do Paço, lanceiros, vassalos e batuqueiros, negros descendentes de escravos celebram um ritual que transcende o tempo e irradia o clima mágico de grande beleza.

O Governo do Estado, através da Empetur, sensível às raízes e tradições de Pernambuco, junta-se à iniciativa privada para promoção da *Noite dos Tambores Silenciosos*, tal qual ela acontece há dezenas de anos, revivida em nossos dias a partir da iniciativa do jornalista Paulo Viana, um grande de-

fensor da cultura negra.

A *Noite dos Tambores Silenciosos*, explica Roberto Pereira, presidente da Empetur, é uma comemoração mística em que os negros reverenciam Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos maracatus, evocando a memória dos seus antepassados: as diversas nações de maracatus existentes vão aos poucos se reunindo no pátio da igreja do Terço, com seus vistosos estandartes, príncipes e princesas, damas do Paço com suas bonecas e demais componentes — o batuque todo o tempo vem marcando o ritmo. É chegado então o momento maior quando a um sinal os tambores param, à meia-noite, reverenciando com o silêncio o passado de uma raça.